

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

ISABELLA SCHNEIDER

DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA E
VIOLÊNCIA DE GÊNERO ENTRE UNIVERSITÁRIAS DE BAURU/SP

BAURU

2022

ISABELLA SCHNEIDER

DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA E
VIOLÊNCIA DE GÊNERO ENTRE UNIVERSITÁRIAS DE BAURU/SP

Monografia apresentada ao Centro
Universitário Sagrado Coração, como
requisito final do Programa
institucional de iniciação científica e de
desenvolvimento tecnológico e
inovação do UNISAGRADO –
2021/2022, sob orientação do Prof.
Dr. Luiz Antonio Lourencetti

BAURU

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S358d

Schneider, Isabella

Descrição e caracterização das concepções de violência e violência de gênero entre universitárias de Bauru/SP / Isabella Schneider. -- 2022. 44f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Lourencetti

Monografia (Iniciação Científica em Psicologia) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Violência de Gênero. 2. Violência contra Mulher. 3. Universitária. 4. Relacionamentos Afetivos. I. Lourencetti, Luiz Antonio. II. Título.

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres que tem o sonho de fazer do mundo, um lugar igualitário.

AGRADECIMENTOS

Desde muito jovem, sonho em poder fazer a diferença na vida de outras pessoas, mas não tinha a resposta de como este desejo seria cumprido. Entrar no mundo acadêmico fez com que tal vontade fosse ainda maior, e, sobretudo, realizar essa pesquisa foi ainda mais impulsionador para que este objetivo seja cumprido.

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, mas em especial aos meus pais Josiane e Alessandro, por sempre priorizarem à minha educação diante de qualquer contexto e acreditarem em mim – principalmente quando enfrento meus dias mais difíceis e penso que não sou capaz de realizar algo.

Angel, João Vitor, Leticia Santana, Olivia e Yasmin Hafiz: sou grata por vocês nunca soltarem a minha mão, principalmente neste ano. O amor e gratidão que tenho por nossa amizade será eterno.

Ao meu namorado, Murilo, agradeço por todo acolhimento, amor, carinho e paciência durante essa caminhada. Posso afirmar com certeza que tal leveza foi de suma importância para deixar meus dias mais felizes.

Luiz, serei eternamente grata por ter sido sua orientanda durante este processo tão importante da minha vida acadêmica. Primeiro, por ter acreditado nessa pesquisa desde nossa primeira conversa sobre esse estudo – às vezes, acreditando até mais que eu – mas, principalmente, por toda troca de experiência obtida desde meu primeiro ano de graduação.

E por fim, agradeço a todas as participantes que fizeram parte desse estudo. Sem a colaboração de vocês, meu sonho juvenil não ganharia tanta força como atualmente.

RESUMO

As reflexões e discussões sobre a posição da mulher na sociedade ganharam fôlego na década de 1970, com a intensa atuação dos movimentos feministas, visando igualdade entre gêneros, que trouxe à tona importantes temáticas e denúncias, tais como às situações de violência contra a mulher. A violência se faz presente de diversas formas, existe no âmbito físico, psicológico e sexual, sendo necessário compreendê-la como um fenômeno marcadamente multifatorial e cultural. Historicamente, a violência de gênero se fez presente na construção e consolidação da sociedade contemporânea. No contexto atual, consiste em uma das principais causas de mortes em mulheres com idades entre 15 e 44 anos, sendo temática de um dos principais problemas globais. Em alguns casos essa violência pode se naturalizar e se reproduzir de forma contínua e recorrente. Além disso, a discussão sobre esse tema ainda consiste em uma barreira na sociedade, levando a mulher a ter medo e receio em denunciar as situações de agressão. Notadamente, a violência de gênero tem sido caracterizada como um problema social, de segurança e saúde pública. Essa situação de violência tem se mostrado presente em diversos contextos da sociedade, dentre eles o contexto universitário. Ainda que este seja visto como um cenário mais aberto à discussão sobre a igualdade de gênero, certos padrões sociais que perpetuam as diferenças entre os gêneros se fazem presentes. Para compreender essas relações nesse contexto, esta proposta lança mão de questionamentos sobre como a violência tem sido manifestada, apresentada e reconhecida no contexto universitário. Mais especificamente, apresenta como problema central de pesquisa a ampliação da compreensão sobre quais são as concepções sobre a violência de gênero entre jovens universitárias. Nesse sentido, esta proposta teve, como objetivo geral, identificar e analisar as concepções sobre a violência de gênero entre jovens universitárias. Para dar conta desse objetivo, se propôs um delineamento transversal do tipo *survey*, por meio da aplicação de questionários com 65 estudantes universitárias, com idade entre 18 e 27 anos, da cidade de Bauru/SP. Os dados foram analisados por meio de abordagem quali-quantitativa, identificando e analisando qualitativamente as concepções de violência e violência de gênero dessas jovens. Através da pesquisa foi possível compreender sobre o conhecimento das estudantes acerca da temática de violência de gênero e, correlacionar com possíveis vivências, sendo a violência psicológica apontada como maior manifestação já sofrida pelas acadêmicas.

Palavras-chave: Violência de Gênero. Violência contra Mulher. Universitária. Relacionamentos Afetivos.

ABSTRACT

Reflections and discussions on the position of women in society gained momentum in the 1970s, with the intense action of feminist movements, aiming at gender equality, which brought to light important issues and complaints, such as situations of violence against women. Violence is present in different ways, it exists in the physical, psychological and sexual spheres, and it is necessary to understand it as a markedly multifactorial and cultural phenomenon. Historically, gender violence has been present in the construction and consolidation of contemporary society. In the current context, it is one of the main causes of death in women aged between 15 and 44 years, being the subject of one of the main global problems. In some cases, this violence can become natural and reproduce itself continuously and recurrently. In addition, the discussion on this topic is still a barrier in society, leading women to be afraid and afraid to report situations of aggression. Notably, gender violence has been characterized as a social, security and public health problem. This situation of violence has been present in different contexts of society, including the university context. Although this is seen as a more open scenario to the discussion about gender equality, certain social patterns that perpetuate gender differences are present. To understand these relationships in this context, this proposal raises questions about how violence has been manifested, presented and recognized in the university context. More specifically, it presents as a central research problem the expansion of understanding of what are the conceptions about gender violence among young university students. In this sense, this proposal had, as a general objective, to identify and analyze the conceptions about gender violence among young university students. To achieve this objective, a cross-sectional survey design was proposed, through the application of questionnaires with 65 university students, aged between 18 and 27, from the city of Bauru/SP. Data were analyzed using a qualitative-quantitative approach, identifying and qualitatively analyzing these young women's conceptions of violence and gender violence. Through the research, it was possible to understand about the students' knowledge about the theme of gender violence and to correlate it with possible experiences, with psychological violence being pointed out as the greatest manifestation ever suffered by the academics.

Keywords: Gender Violence. Violence against women. university. Affective Relationships.

Sumário

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	MATERIAIS E MÉTODO	18
2.1	PARTICIPANTES	19
2.2	INSTRUMENTO	19
2.3	LOCAL	20
2.4	ESTUDO PILOTO.....	20
2.5	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	20
2.6	PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DE DADOS	22
2.7	ASPECTOS E CUIDADOS ÉTICOS	22
3.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
3.1	VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS	23
3.2	CONCEPÇÃO E TIPOS DE VIOLÊNCIA.....	24
3.3	VIVÊNCIAS PESSOAIS E SUBJETIVAS SOBRE A VIOLÊNCIA	27
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	31
	APÊNDICE A – Questionário	35
	APÊNDICE B - TCLE – (PRIMEIRA PÁGINA DO QUESTIONÁRIO)	39
	APÊNDICE C – CARTA DE AQUIESCÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DO INÍCIO DA PESQUISA	41
	ANEXO A – PARECER CEP/UNISAGRADO COM PLATAFORMA BRASIL	43

1. INTRODUÇÃO

A construção sociológica sobre violência de gênero, ganhou força através de reivindicações políticas, por meio do movimento feminista – o qual visa igualdade entre os gêneros – no início da década de 1970 nos Estados Unidos, onde uma onda de protesto surgiu a fim de denunciar a violência contra a mulher. Nas décadas seguintes, essa luta ganhou forças para se tornar um tema central estudado por diversas áreas, como a Filosofia, História, Sociologia e Psicologia (BANDEIRA, 2014).

O termo “gênero”, envolve dois conceitos do pensamento ocidental moderno, sendo eles a base material da identidade – ou seja, como o indivíduo é – e a construção social do caráter humano – o como ela se desenvolve no ambiente vivenciado (NICHOLSON, 2000 *apud* FERNANDES *et al.*, 2015). Na década de 1980, o conceito de gênero se torna objeto de estudo das mulheres, enfatizando a importância de que compreender sua sexualidade como um aspecto natural, não apenas corpóreo – o sexo feminino era visualizado como uma categoria social imposta perante à um corpo sexuado. A transformação sociohistórica que o conceito passa, faz com que se tenha maior inserção feminina no mundo acadêmico, condizendo com o modo que se inserem dentro de relações sociais e diante da cultura (SCOTT, 1995 *apud* FERNANDES *et al.*, 2015).

A violência, em aspectos gerais e globais, está entre uma das principais causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a palavra violência como o uso proposital da força física ou predominância de poder sobre outra pessoa, que tenha como resultado danos emocionais – violência psicológica –, lesões – violência física – ou até mesmo a privação do desenvolvimento individual (MARQUES, 2016). Já a definição empregada pela OMS, compreende a violência sexual como qualquer ato que não possua consentimento da vítima. Neste quadro, se enquadra: atos sexuais indesejados, a tentativa de relações sexuais sem ambos quererem e, até mesmo, persuasão ao tráfico sexual (NUNES; LIMA; MORAIS, 2017).

Entende-se representação social como uma explicação; ideologias e crenças em comum que um grupo tenha acerca de uma temática. Embora o tema ‘violência’ não seja novo, percebeu-se que nos anos 2000 no Brasil, mesmo com os tabus que se carrega, se começou a falar de forma mais aberta sobre a temática, sobretudo, sobre os efeitos que as vítimas de violência carregam consigo. Com esta discussão vêm a representação social que o assunto carrega: por mais que existam casos isolados, a empatia vêm em conjunto. Ocorre com um pessoa em específico, mas mexe com o dia-a-dia de muitas, pois isto, há mobilização social para que menos pessoas vivenciem tal cenário (OLIVEIRA;

CHAMON; MAURICIO, 2010).

Quando se fala sobre as representações sociais que a violência carrega consigo, ela é dividida em três elementos: o primeiro deles, é quando a violência ocorre de forma direta, ou seja, a violência física – onde se é machucado fisicamente de forma intensional, cujo objetivo é causar sofrimento a um indivíduo; o segundo elemento de violência conhecido socialmente, acontece de forma indireta, pois é uma situação que não se vê marcado no corpo, mas viola o emocional de alguém; por fim, o último elemento, se dá a partir de uma representação de poder abusivo do agressor (OLIVEIRA; CHAMON; MAURICIO, 2010).

A dificuldade em não se culpar e, compreender a motivação que a levou tornar-se vítima - as quais se passam após o ocorrido -, é entendida como um sinônimo em comum, sobretudo, quando se discorre sobre a percepção da violência, ela é um elemento individual, ou seja, para cada indivíduo ela apresenta novos significados (AUDI *et al.*, 2009).

A grande maioria das vítimas discorrem que, quando são violentadas por seus companheiros e/ou familiares, têm a sensação de que erraram diante de uma circunstância. Embora esperançosas que um dia a lembrança desta invasão irá embora, há sentimento de tristeza e solidão. Por isto Audi *et al.* (2009) ao concluir sua pesquisa, entendeu que as mulheres se solidarizam numa ocorrência dessas, pois para elas, é necessário romper a cultura de violência a partir da quebra do silêncio de tais vivências: dialogando dentro de grupos de apoio, e principalmente, realizando uma denúncia anônima – ação a qual ganhou força após a criação da Lei Maria da Penha em 2004.

Para Chachan e Jayme (2016) fica claro que, a violência de gênero ocorre por diversos fatores, por esta razão, é importante considerar a desigualdade social como um ponto da ocorrência da violência. Quanto menor sua classe socioeconômica, menos autonomia a mulher possui – tanto para controlar a sua vida, como também, o acesso a recursos informativos, a fim da promoção de uma maior qualidade de vida (CASIQUE *et al.*, 2003 *apud* CHACHAN; JAYME, 2016). Isso quer dizer que, se não há materiais que orientem à mulher, não é possível compreender o que está errado, e quais maneiras a mesma possui para um grupo de apoio, ou até mesmo, uma denúncia sob a situação pela qual vivencia. Desta maneira, Rangel e Wenczenoviz (2016) dizem que “[...] a violência de gênero leva em conta não as diferenças biológicas, mas sim as diferenças na dimensão social, que implicam nas desigualdades sociais, econômicas e no exercício do poder entre homens e mulheres” (p. 145).

Almeida (2007 *apud* BANDEIRA, 2014) compreende que há muitas semânticas ao se falar sobre violência contra a mulher, pois existem várias classificações de como essas agressões podem acontecer, sendo algumas delas: violência de gênero, violência doméstica, violência conjugal, violência familiar e violência intrafamiliar.

Com o isolamento social adotado como recomendação da OMS em março de 2020 para a dissiminação do COVID-19, houveram importantes impactos levando em consideração à população, exemplificando assim, o aumento de serviços *online* para evitar que indivíduos saiam de suas casas (VIANA, 2020). Tendo como pauta a violência doméstica, e a necessidade de mulheres estarem confinadas dentro de seus ambientes residenciais, faz com que a insegurança aumente, uma vez que se convive por mais tempo com agressores. Ou seja, esse espaço pode se tornar mais hostil, como consequência, gerar um sistema social cujo poder de escolha está na mão de, na maioria das vezes, homens patriarcais que exercem o papel do também agressor (MALTA *et al.*, 2021).

A partir da pandemia há uma maior evidência de desigualdade social dentro de alguns grupos – mulher branca com maiores privilégios que a mulher negra; mulheres ricas com maiores acessos à informações que pobres. Dentro das Políticas Públicas, quando há esta clareficação, o estudo realizado em conjunto com a violência de gênero é chamado de necropolítica, a qual evidencia a negligência do Estado acerca da temática e, responsabiliza os próprios grupos sociais de alta patente que não compartilham informações com os menos desfavorecidos (MALTA *et al.*, 2021).

A Lei nº 13.104/15, decreta que um crime de feminicídio é caracterizado por assassinato de mulheres, devido à própria condição feminina, sendo considerado como crime quando comprovado que houve violência doméstica. Desta maneira, também é considerado uma circunstância qualificadora de homicídio, podendo ser condenado entre 12 a 30 anos de prisão em regime fechado (BITTAR, 2020). Houve o aumento de noticiários mundiais que notificaram sobre o crescimento exponencial de crimes de feminicídio, uma consequência direta perante ao isolamento social provocada pela COVID-19, por isto Malta et al. (2021) ressalta a importância do Estado ter a iniciativa de criar grupos de apoio que ofereçam escuta psicológica e rodas de conversa, pois será com eles que a mulher irá adquirir uma estratégia de desenvolvimento – compreender o que passou; ser acolhida e, ter uma aprendizagem com tal experiência.

Malta et al. (2021) utiliza-se da fala de Insfran e Munhiz (2020) ao concluir sua fala da importância de grupos de escuta da seguinte maneira: “[...] o Estado conclui que somente o carinho coletivo, onde a sororidade se faz presente como forma de cuidado e

resistência, pode levar à superação das desigualdades, intensificadas neste contexto pandêmico” (p. 26).

No Brasil, a denominação “estupro” para o Poder Judiciário significa “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (BRASIL, 2009, art. 213). Sendo assim, a Lei nº 12.015 de 2009 (BRASIL, 2009) diz que, tal ação pode ter homens e mulheres como vítimas, mas o número do sexo feminino é o mais predominante (BRASIL, 2009; NUNES; LIMA; MORAIS, 2017).

Após a implementação da Lei Maria da Penha, percebeu-se que o Estado criou algumas estratégias para a conscientização de mulheres perante à violência sexual. Sobretudo, se mesmo com a conscientização a mulher seja vítima, cabe também ao Estado oferecer todo suporte emocional e, ferramentas para realizar uma denúncia. Para isso, as Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres possuem toda estrutura de um atendimento individualizado às vítimas que queiram relatar a tal ocorrido (CARGNIN *et al.*, 2021).

O trabalho que são realizados nas delegacias acerca da violência sexual e doméstica mostram que após 2004 – onde se houve uma maior conscientização após a criação da Lei –, as mulheres ganharam voz para contar tais experiências, tanto que, dentro do Sistema Único de Saúde, as notificações se tornaram cada vez mais crescentes. Dez anos após a implementação da Lei, notificações de violência sexual e doméstica se tornaram imediatas por meio do SINAN (Sistema de Informações de Agravos de Notificações) – o qual se torna uma importante ferramenta de coleta de dados, uma vez que é com ela que se traça dados para estudos de violência em uma determinada região e, mais tardiamente utilizada como método de estratégia tomada pelo SUS (CARGNIN *et al.*, 2021).

Dados trazidos da OMS apontam que 35% do número total de brasileiras já foram vítimas de violência de gênero (SILVA; TILIO, 2014). Dentro dessa numeração, Silva e Tilio (2014) mencionam a pesquisa realizada por Waisefisz (2011) a qual conclui que 68,8% delas são reprimidas dentro de suas casas, além de que, 80% destas terem alguma relação afetiva com o abusador – podendo ser namorado, pai, padrasto, marido e amigos.

Tanto a OMS como a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) apontam que a violência de gênero está presente na base da sociedade moderna, uma vez que não há nenhum país, estado e cidade imune a este tipo de violência de gênero, por isso este tema vem sendo considerado um dos mais relevantes problemas globais (CARVALHO-

BARRETO *et al.*, 2009).

Adverte-se que a violência contra a mulher em seus mais derivados aspectos, pode se tornar algo recorrente, por isso, deixa de ser notada como uma hostilidade (SAFFIOTI, 2004 *apud* CARVALHO-BARRETO *et al.*, 2009). Desta maneira, a violência acaba se tornando um ciclo vicioso, uma vez que, em grande parte das vezes, as mulheres não denunciam por acreditarem que ocorrerá apenas uma vez ou, até mesmo, foram ameaçadas de morte. A violência voltada para o sexo feminino, na atualidade, é um grande fator de problema de saúde pública e social no Brasil, e que causam grandes traumas às vítimas (GALDONI-COSTA; DELL'AGLIO, 2010 *apud* SILVA; TILIO, 2014). Blay (2008) compreende que tais ações acarretam em frutos originalmente de valores culturais e sociais, ou seja, em alguns casos, por alguma divergência de pensamentos.

Waiselfisz (2011 *apud* SILVA; TILIO, 2014) aponta para estudos estatísticos que a OMS realizou, no Brasil, nos últimos 30 anos, indicando que houve um aumento significativo de violência contra a mulher, que concluem que o Brasil é um dos dez países mais perigosos para a mulher residir. Entretanto, a mulher ser padecente de quaisquer ferocidades, não é um problema atual. Curia *et al* (2020), ao citar Angelin e Diniz (2009), recorda que é um tema histórico que abrange diferentes modos de manifestação violenta, principalmente as que acontecem dentro de residências. O poder que o Estado obtinha, não era focado para tal problematização, uma vez que, se compreendia que se tratava de um problema dentro da família das vítimas.

Apesar de ser uma questão grave, para Calvacanti (2003), a violência domiciliar tem tamanha invisibilidade devido a estigmas fadado aos homens e, focado em ambiente familiares. Saffioti (2004 *apud* BRILHANTE *et al.*, 2016) destaca que, devido a consequências históricas – como o machismo –, um direito que o “pai” de família tinha acarretado à desobediência aos demais integrantes familiares, era castigar seus filhos e mulheres por comportamentos considerados inadequados.

Silva e Tilio (2014) comentam sobre o posicionamento de Teles e Melo (2012) perante o assunto, e, para eles, a violência contra mulher se reflete no funcionamento social de cada sociedade. No Brasil, o funcionamento se concretiza de quatro características: misoginia, autoritarismo, heteronormativismo e patriarcalismo.

O dicionário Aurélio (2009) classifica o autoritarismo como uma característica e também particularidade de um indivíduo que age ou se comporta de modo que apenas sua opinião é importante, não considerando ideias divergentes das propostas. Exemplificando

a Ditadura Militar (1964-1980), onde o poder estava nas mãos de militares, e tal poder está sendo utilizado com depotismo. A cultura machista no Brasil, em muitos casos, é autoritária, pois são pessoas que apenas suas colocações são de suma importância.

Michel Foucault, por sua vez, ao se falar sobre heteronormatividade, diz que a exploração da sexualidade não é proibida, mostrando discursivas do homossexual sobre a identidade social de cada um ser, diferenciando indivíduos como uma produção social naturalizada (MISKOLCI, 2009).

Misoginia vêm através do discurso de ódio, onde o homem acredita ser superior à mulher. A manifestação desta oratória provém através de comportamentos agressivos, onde o sexo masculino assume o papel de dominador, enquanto quem é dominada é o sexo feminino (DIOTTO; SOUTO, 2018). Desta forma, Bordieu (2002) diz que:

[...] a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem (p. 49).

O patriarcalismo, pode ser entendido como uma autoridade que os homens têm sobre a mulheres e, até mesmo dos seus filhos – independente ou não de serem meninos. É apenas o homem quem decide como uma família inteira se comportará, como será a demanda de produção e consumo de sua residência e, como a cultura será imposta a todos, não levando em consideração a opinião do restante de sua estrutura familiar – principalmente se forem pensamentos contrários ao patriarca (BARRETO, 2004).

Zampierri (2008), em sua tese de doutorado, estudou a temática “sexualidade” em diferentes grupos, enquadrando o público universitário para discorrer sobre o tema, e nele, concluiu que há uma grande quantidade de questões a serem discutidas de forma aberta, como por exemplo, o aborto e às relações sexuais em um primeiro encontro.

A prática sexual no mundo universitário acontece de forma contraditória: de um lado, é uma questão de livre-arbítrio e liberdade, por muitas vezes, não morar com seus pais e conseguir ter um controle diante de suas escolhas; tampouco, há uma pressão de que, por não dar satisfação à responsáveis, é preciso ter relações nesta etapa da vida, se tornando uma obrigatoriedade (ZAMPIERRI, 2008).

O namoro faz parte do ciclo vital do indivíduo, no egresso à universidade principalmente, pode executar papel de uma interação básica no âmbito social. A partir destes relacionamentos, entende-se que o indivíduo podem ter vivências positivas, mas

sobretudo, as experiências negativas, se dividindo em: violência física; violência sexual; violência verbal – o qual provêm de xingamentos e oratórias de baixo calão -; violência psicológica e; violência social - proibição do (a) parceiro (a) em conviver com outras pessoas desacompanhada, podendo ser amigos e, até mesmo, os próprios familiares da vítima (NEVES, 2008 *apud* MARQUES, 2016).

Marques (2016) ainda ressalva a sua fala, ao compreender que, é de suma importância as universitárias entenderem em quais facetas seus namoros se enquadram, a fim de realizarem um papel preventivo sob o comportamento de seu parceiro e se protegerem diante de qualquer ameaça.

Existem atitudes e ações que evidenciam o que se vivencia num relacionamento abusivo, desta maneira, como são condutas já permeadas em nossa sociedade, são consideradas como regras habituais (GOMES; NAZARÉ, 2014). Tais preceitos estão divididos em quatro importantes características: a primeira delas, é sobre como a mulher deve exercer seu papel, ou seja, o homem deve ser total prioridade dela, não conseguindo se colocar como prioridade; o segundo ponto a ser discutido é quando o ditado popular “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, as pessoas se preocupam em manter a privacidade de residências, mas em sua grande maioria, não imaginam que a vítima pode estar passando por uma complicada situação; a terceira postulação é não demonstrar que tudo está se desmoronando, pois o importante é zelar o nome que a família têm, não se pode mencionar que há equívocos dentro do casamento, senão pode se tornar um escândalo; e, por último, mas não menos importante, crer que todos os maus tratamentos acontecem por culpa da vítima (SINCLAR, 2010 *apud* GOMES; NAZARÉ, 2014).

O ciúme é um dos sentimentos mais vivenciados em uma relação conjugal, quando não controla, pode se tornar um grande malefício dentro do relacionamento, sendo assim um grande indiciador de ocorrência de violência (ADEODATO *et al.*, 2005; FLYNN; GRAHAN, 2010; SPEIZER; MORRACO, 2011 *apud* GOMES; NAZARÉ, 2014).

Ao se analisar um dos significados que o dicionário Aurélio (2009) traz, ciúme é um sentimento de medo ao perder a pessoa amada, porém, é uma emoção complexa com difícil compreensão. Gomes e Nazaré (2014) trazem a complementação da fala de Fontana e Santos (2001) sobre o significado de ciúmes, e se entende que na cultura latina, o sentimento de ciúme é existente para as pessoas que amam, e se há a ausência do mesmo, não existe o amor. Considerando o ciúme a partir da ótica da Análise do Comportamento, são chamados de fenômenos comportamentais pelos quais devem ser

compreendidos como se dão, ou seja, não devem ser considerados como uma elucidação de uma possível conduta (GUIMARÃES, 2003 *apud* GOMES; NAZARÉ, 2014).

O ciúme é descrito a partir de um comportamento operante – a ação é voluntária - e pode se manifestar de diversas maneiras, sendo uma das mais comuns, violar a privacidade da parceira e verificar com quem conversa e qual o assunto predominante (COSTA; BARROS, 2010 *apud* GOMES; NAZARÉ, 2014). Quando há a incidência do ciúme em um comportamento violento - a agressão física, por exemplo – dentro de um relacionamento afetivo, se justifica que tal ato aconteceu pelo fato de amar e não suportar a ideia de viver sem essa pessoa. Assim, o que levou a pessoa a agir de forma ruim, é justificada por uma proteção (PRUENTE; COHEN, 2003 *apud* GOMES; NAZARÉ, 2014).

De acordo com o WHO (2012) no Brasil, 30% das jovens com idade até os 19 anos são vítimas de violência de gênero, os quais acontecem em seus relacionamentos amorosos (OLIVEIRA; FONSECA, 2019). Em dez anos, os números se tornam mais alarmantes ao analisar tal situação globalmente, cerca de 24.000 adolescentes e mulheres jovens de nove países foram vítimas de violência contra a mulher (WHO, 2012 *apud* OLIVEIRA; FONSECA, 2019).

Estudos realizados nos Estados Unidos e Canadá mostram números altos de incidência de violência física no público universitário, indicaram que entre 20 e 40% de indivíduos que são – ou já foram – vítimas de alguma manifestação violenta (ALDRIGHI, 2004).

Desde os anos de 1970, quando os movimentos feministas começaram a emplacar, se entende que violentadas e agressores são pertencentes de um mesmo círculo social, envolvendo sua cultura, seu status econômico, e até mesmo, sua etnia (LIPCHIK *et al.*, 1997 *apud* ALDRIGHI, 2004). Mas, mesmo com intervenção de órgãos policiais e jurídicos, alguns casais continuam a se relacionar, significando a crença pela qual o agressor irá mudar sua atitude (ALDRIGHI, 2004).

O público universitário são modelos representativos na sociedade contemporânea, por isso, estudá-los a partir de um cenário que é um problema de saúde pública, é acabar com o tabu que a violência acontece pela pessoa não se impor, ou até mesmo, que apenas mulheres menos favorecidas socialmente, culturalmente e economicamente são vítimas (INEP, 2002 *apud* ALDRIGHI, 2004).

Tratando-se sobre a violência contra a mulher, há sequelas que não são apagadas a partir do momento em que se vivencia esta realidade. Os prejuízos à saúde da mulher,

após ter sido vítima, podem manifestar danos físicos, desencadear uma depressão e até mesmo levar a tentativa de suicídio (BALONE; ORTOLANDI IV, 2003 *apud* GOMES, 2018). Neste momento, é interessante que a mulher receba apoio de profissionais capacitados de lidar com esta demanda, mas que seja acolhida por sua família e amigos diante desta situação (PEDROSA, 2009 *apud* GOMES, 2018).

Sobretudo, até as vítimas compreenderem o quão é importante realizar a denúncia, se passa um prolongado tempo desde que começaram a serem violentadas, pois muitas delas têm medo desta situação se complicar cada vez mais e, acabarem sendo mortas por seus companheiros (SOARES, 1999; MARQUES, 2005 *apud* GOMES, 2018).

Mulheres vitimadas pela violência, tendem a manifestar comportamentos de solidão, tristeza e fúria por não compreenderem porque tal situação está acontecendo com elas, com isso, sintomas de ansiedade, distúrbios sociais e insônia começam a surgir (ADEODATO *et al.*, 2005 *apud* GOMES, 2018). Por isso, se recomenda às vítimas que façam acompanhamento psicoterapêutico, a fim de compreender como essas manifestações psicossomáticas representam a dor que vivenciaram ao terem seus corpos violados.

As políticas públicas voltadas às mulheres vítimas de violência, atualmente são de responsabilidade das três esferas de poder – federal, estadual e municipal (GONSALVES; GONÇALVES, 2019). Órgãos como a Secretaria Nacional de Políticas a Mulher (SNPM), o Ministério da Saúde, e os Direitos Humanos abrangem o país inteiro, trabalhando em conjunto com as outras esferas para não ter um extrapolamento de casos. Para isso, as secretarias municipais e estaduais analisam o problema e, verificam se há gravidade ao ponto de os órgãos federais terem a necessidade de intervir perante ao caso (GONSALVES; GONÇALVES, 2019).

Profissionais da Psicologia fazem parte da equipe que acolhem mulheres que estão em situação alarmante, a fim de analisar o local em que estão inseridas e traçar planos protetivos os quais resguardam a saúde mental da vítima (GONÇALVES, 2006 *apud* GONSALVES; GONÇALVES, 2019). Todavia, a participação ativa da Psicologia Social dentro das Instituições Sociais – como o SNPM - traça o processo de individualização através de fenômenos sociais existentes (NASCIMENTO; MANZINI; BOCCO, 2016 *apud* GONSALVES; GONÇALVES, 2019).

Os CEAMs (Centros de Arte e Movimento) oferecem atendimentos psicológicos, jurídicos e sociais, exercendo a função de composição a serviços essenciais para mulheres que estejam em situação de violência (GONÇALVES, 2006 *apud* GONSALVES;

GONÇALVES, 2019). Desta maneira, a intervenção psicológica em casos de violência contra mulher, é capaz de desconstruir qualquer mito social, cultural e histórico que não seja ligado diretamente ao indivíduo, (GONSALVES; GONÇALVES, 2019).

Aldrighi (2004) concluiu que, a violência quando revidada por uma mulher, se torna ainda mais perigosa a ela, visando que a probabilidade de seu parceiro partir para uma nova agressão, é grande. Contudo, a violência de gênero não deve ser entendida como algo pertencente à mulher, mas sim, como um problema inserido na humanidade e, que é necessária a intervenção de profissionais.

Nesse sentido, diante de toda a contextualização e levantamento bibliográfico apresentados, está pesquisa parte de algumas indagações e questionamentos dos autores sobre como a violência tem sido manifestada, apresentada e reconhecida no contexto universitário. Mais especificamente, apresenta como problema central de pesquisa a ampliação da compreensão sobre quais são as concepções sobre a violência de gênero entre jovens universitárias. Dentre às hipóteses derivadas dessa pergunta, estão àquelas associadas à noção de que as situações de violência estão presentes e são vivenciadas por essas mulheres no contexto universitário, porém há certa dificuldade em discriminar e descrever os aspectos e variáveis relacionadas.

Para responder à essa pergunta de pesquisa, se propôs um delineamento que toma o contexto universitário do município de Bauru, localizado no interior do estado de São Paulo, como estudo de caso para a compreensão da violência de gênero entre estudantes universitárias. De forma auspiciosa, esta proposta almejou contribuir para a ampliação das compreensões e literatura relacionada à temática da violência, além de subsidiar eventuais intervenções sociais que visem à proteção e prevenção de situações de violência, bem como de ações focadas na reabilitação de mulheres que tenham vivenciado essas situações.

2. MATERIAIS E MÉTODO

A partir do levantamento teórico apresentado, a problemática de pesquisa e os objetivos estabelecidos, o estudo adotou a abordagem quali-quantitativa (CRESWELL, 2010) e finalidade descritiva (GIL, 2002), uma vez que visa observar e descrever as características de um determinado fenômeno e das variáveis relacionadas a ele, por meio da coleta e mensuração de dados e o estabelecimento das eventuais relações entre eles. O procedimento adotado será um levantamento transversal do tipo *survey*, caracterizado

como uma estratégia de pesquisa que propicia o levantamento de informações de uma amostra, possibilitando o estudo das relações entre variáveis (COZBY, 2003). Tal referencial metodológico, favorece a análise de questões sociais, mas de uma forma universal quando consideradas grandes amostras (MINAYO, 2001).

2.1 PARTICIPANTES

Adotou-se uma amostra não-probabilística e por conveniência (COZBY, 2003) composta por 65 estudantes universitárias, com idade entre 18 e 27 anos, matriculadas em diferentes cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior – IES localizadas no município de Bauru/SP. Para inclusão na amostra, as estudantes tiveram que atender aos seguintes critérios: a) estar regularmente matriculada em curso da graduação (bacharelado, licenciatura e tecnológico) em IES localizada no município de Bauru. Não houve restrição quanto aos cursos, sendo considerados todos os estudantes das áreas de Ciências Exatas e Aplicadas, Ciências Humanas e Sociais e Ciência da Saúde.

2.2 INSTRUMENTO

Para a coleta de dados foi construído um instrumento em formato de questionário autoaplicado (APÊNDICE A), sistematizado na plataforma online *Google Forms* que é um serviço gratuito que permite a criação de questionários *onlines*, e que consequentemente gera o link de acesso direto ao mesmo. O link de acesso ao questionário foi disponibilizado aos participantes por e-mail. Para além do questionário online, também foram utilizados softwares de processamento de dados como o *Microsoft Excel* e o *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS*, para a tabulação e análise dos resultados.

O questionário contempla um total de 36 indagações e foi organizado e estruturado em 03 eixos norteadores: a) informações e variáveis sociodemográficas; b) concepção de violência e tipos de violência; c) vivências pessoais e subjetivas sobre violência. O primeiro eixo, apresenta 14 itens que buscam caracterizar a participante, identificando aspectos como idade, curso de graduação, tipo de instituição de ensino, dentre outras. O segundo eixo é composto de 08 questões abertas e fechadas que visam explorar e descrever as concepções das universitárias sobre violência e quais seriam suas características e formas de manifestação, identificando aspectos sociais, culturais e históricos. Por fim, o terceiro eixo contém 14 perguntas abertas e fechadas que tem como

foco identificar aspectos da trajetória pessoal e subjetiva da participante, identificando vivências particulares com situações e contextos de violência.

2.3 LOCAL

A coleta de dados aconteceu de forma *online* por meio da plataforma *Google Forms* para alunas de outras universidades. Para acadêmicas ingressantes do Centro Universitário Sagrado Coração, devido à baixa adesão de respostas ocorrida com outros pesquisadores da instituição de ensino, se propôs que em fevereiro de 2022, fosse realizado o questionário no modelo presencial, uma vez que as aulas voltarão a ocorrer nas próprias universidades.

A pesquisa se realizou com estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior – IES localizadas no município de Bauru/SP. Segundo dados dos do INEP/MEC, no ano de 2017 o município de Bauru contava com aproximadamente 27,3 mil estudantes matriculados em cursos de ensino superior em dez diferentes instituições de ensino (DATAVIVA, 2017).

2.4 ESTUDO PILOTO

Anteriormente à abertura da coleta de dados para o público externo, foi realizado um estudo piloto com duas universitárias as quais estão sob mesma orientação de pesquisas. O questionário foi respondido num tempo médio de 15 minutos, dando ainda sugestões de aprimoramento com o objetivo da pesquisa. Assim, se compreende que a efetivação do estudo piloto é de suma importância, pois a partir dele foi possível verificar a viabilidade da aplicação do instrumento e realizar as últimas alterações necessárias para sua efetivação.

2.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta que inicialmente estava programada para dar início em setembro de 2021, foi prorrogada para o mês de março/2022, pois houve baixa adesão de alunos que estavam participando de outros estudos realizados, uma vez que se estava no terceiro semestre de modo remoto, e no ano de 2022 a probabilidade voltar ao contexto presencial, seria grande.

As instituições acadêmicas do município de Bauru/SP foram contatadas por meio de um e-mail, explicitando sobre o tema da pesquisa; seus principais objetivos e o público-alvo o qual o estudo é voltado. A coleta de dados foi iniciada na segunda quinzena

abril e finalizada na primeira quinzena de agosto de 2022, sendo entre o final de agosto e início de setembro a tabulação dos resultados obtidos.

Para a realização da pesquisa, foi enviado um *e-mail* – em formato de Carta de Aquiescência (APÊNDICE C) descrevendo sucintamente em que o estudo se baseia, quais são seus objetivos e os requisitos básicos para a participação da mesma. Em alunas que realizam a graduação dentro da UNISAGRADO, além do meio eletrônico, se passou em cada sala afim de divulgar e incentivar a participação.

Sobretudo, para acadêmicas de outras instituições terem acesso ao questionário, foi utilizada a plataforma do *Google Forms*, a qual permite que as respostas sejam armazenadas e dispostas em planilhas compatíveis com softwares de processamento estatístico como o *Microsoft Excel* e o *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS*. Sendo assim, os dados foram exportados e empreendido o tratamento e análise de dados quantitativos e qualitativos.

Anteriormente ao início do questionário, foi anexado o TCLE, o qual reiterou os objetivos a serem atingidos dentro da coleta de dados; qual público-alvo fez parte do estudo e, por fim, ressaltando os princípios éticos que regem a pesquisa. Nele, há duas opções de resposta: a) declaro que concordo e estou ciente das condições de participação na pesquisa; b) declaro que não concordo com as condições de participação na pesquisa. Assinalando a primeira alternativa, a participante foi redirecionada para as perguntas que contemplam ao estudo, entretanto, à quem assinalar a segunda alternativa, a página se redirecionou para o agradecimento pela atenção e, caso tenha se sentido desconfortável com a temática e precise de um acolhimento, a Instituição de Ensino conta com serviço gratuito de Plantão Psicológico, indicando o nome e formas de contato – via telefone fixo ou *e-mail*.

Nos meses iniciais de pesquisa, foi conduzido um estudo piloto e o questionário *online* foi revisado, socializado com colegas que estão com o mesmo orientador para que pudessem oferecer possíveis sugestões e, por fim, construído dentro da plataforma. Desta maneira, para uma melhor organização de conteúdos que foram explorados dentro do questionário, dividiu-se em três eixos norteadores, sendo eles: a) informações e variáveis sociodemográficas; b) concepção de violência e tipos de violência; c) vivências pessoais e subjetivas sobre violência. Desta forma, as questões foram analisadas individualmente, sendo o segundo e terceiro eixos analisados em duas etapas, uma vez que apresentam questões mistas (abertas e fechadas).

2.6 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DE DADOS

A plataforma utilizada para disponibilizar os questionários *online* (*Google Forms*) permite que as respostas sejam armazenadas e dispostas em planilhas compatíveis com softwares de processamento dados como o *Microsoft Excel*. Sendo assim, os dados foram exportados e empreendido o tratamento e análise de dados quantitativos e qualitativos. Para uma compreensão aprofundada dos dados coletados, inicialmente eixos do questionário – a) informações e variáveis sociodemográficas; b) concepção de violência e tipos de violência; c) vivências pessoais e subjetivas sobre violência – foram analisadas individualmente, sendo o segundo e terceiro eixos analisados em duas etapas, uma vez que apresentam questões mistas (abertas e fechadas).

As questões fechadas (que contemplam a primeira parte do questionário) foram analisadas quantitativamente observando a média, frequência e porcentagem. Isso permitirá a identificação e categorização das variáveis que influenciam as práticas acadêmicas. As questões abertas (*segunda etapa de análise*) foram analisadas em seu conteúdo e agrupadas em categorias para quantificação, e estabelecidas comparações entre as respostas dos participantes (GIL, 2002).

Tais análises direcionaram a pesquisadora na caracterização das concepções de violência e identificação de vivências relacionadas, favorecendo a identificação e interpretação das respostas dos participantes, bem como algumas variáveis sociodemográficas, sendo elas: idade, curso e período de graduação, área de formação, condições socioeconômicas.

2.7 ASPECTOS E CUIDADOS ÉTICOS

A pesquisa seguiu com todas as normas pressupostas pelo Código de Ética de Psicologia, em conjunto do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Por se tratar de um estudo realizado com seres humanos, três passos foram de suma importância para o andamento do mesmo: a) obter o parecer favorável da CEP com a Plataforma Brasil; b) anteriormente ao início do questionário, apresentar de forma clara a pesquisa que está sendo desenvolvida e, dar a opção da estudante participar ou não do estudo a partir de um TCLE; c) oferecer suporte às participantes que se fragilizaram perante a temática trabalhada, para isto, o Centro Universitário Sagrado Coração possui uma Clínica-Escola que funciona de forma gratuita.

O projeto de pesquisa foi elaborado e aprovado a partir de Resoluções Normativas nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde, o qual regulamenta as pesquisas com seres

humanos, obtendo o parecer favorável para ser iniciado (Processo CAAE nº 44616921.4.0000.5502).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que o objetivo central do estudo foi de identificar e analisar as concepções sobre a violência de gênero sob a óptica de jovens universitárias, bem como a natureza dos dados obtidos, se optou em dividir esta sessão a partir das modalidades em que o questionário foi composto: variáveis sociodemográficas; concepção e tipos de violência; vivências pessoais e subjetivas sobre a violência.

3.1 VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS

O presente estudo se realizou com jovens universitárias entre 18 e 27 anos, sendo possível obter 65 amostras. Grande parte das estudantes estão matriculadas regularmente em universidades privadas e, do número total de amostras, 34 jovens são dos cursos que englobam as Ciências Humanas, sendo eles: Artes (2 pessoas); Designer de Moda (1 pessoa); Direito (5 pessoas); História (1 pessoa); Jornalismo (1 pessoa); Letras/Inglês (1 pessoa); Moda (1 pessoa); Pedagogia (2 pessoas); Psicologia (14 pessoas); Publicidade e Propaganda (5 pessoas); Relações Internacionais (1 pessoa).

Analisando o valor mensal de cada participante, se chegou a conclusão de que 23 delas (35,38%) tem renda econômica entre um a dois salários mínimos – correspondendo ao valor entre R\$ 1.101,95 à R\$ 2.203,90. Destas 23 pessoas que assinalaram tal alternativa, 18 voluntárias (78,26%) responderam que trabalham ou exercem alguma atividade remunerada, e que grande parte mora com familiares (pais, avós, tios, primos) como consta abaixo.

Quadro 1 – Variáveis sociodemográficas

Participante	Trabalha ou exercem atividade remunerada?	Com quem mora?
P8	Sim	Pais, avós, tios, primos
P9	Sim	Pais, avós, tios, primos
P10	Sim	Pais, avós, tios, primos
P15	Sim	Pais, avós, tios, primos

P23	Sim	Pais, avós, tios, primos
P24	Sim	Pais, avós, tios, primos
P25	Sim	Pais, avós, tios, primos
P29	Sim	Amigos ou colegas de trabalho/faculdade (“República)
P33	Sim	Cônjuge, namorado (a), parceiro (a)
P36	Sim	Pais, avós, tios, primos
P37	Sim	Amigos ou colegas de trabalho/faculdade (“República)
P38	Sim	Pais, avós, tios, primos
P41	Sim	Cônjuge, namorado (a), parceiro (a)
P51	Sim	Pais, avós, tios, primos
P56	Sim	Pais, avós, tios, primos
P57	Sim	Pais, avós, tios, primos
P58	Sim	Cônjuge, namorado (a), parceiro (a)
P59	Sim	Pais, avós, tios, primos
P61	Sim	Pais, avós, tios, primos

Fonte: elaborado pela autora.

3.2 CONCEPÇÃO E TIPOS DE VIOLÊNCIA

Em relação ao entendimento pessoal acerca da temática de violência, a maior parte das participantes voluntárias pontuaram que seja uma manifestação a qual viole o espaço de um indivíduo; atitudes que ferem; sentimento de superioridade em relação à outra pessoa.

Duas pessoas contaram que não sabem quais as denominações existentes para classificar uma violência, todavia, a maioria citou que já ouviram falar sobre violência física, violência psicológica e violência sexual. Em detrimento ao conhecimento do termo violência de gênero, houve uma maior diversificação de respostas, sobretudo, em sua maioria, eram voltadas às minorias sociais. Traz-se como exemplo, a fala de P34, P41 e P44.

P34- Violência a um grupo de **gênero específico, mas sempre me lembro de mulher em primeiro lugar.**

P41- Significa quando uma **pessoa ou um grupo é vítima de algum tipo de**

violência apenas por pertencerem àquele grupo (exemplo: meninos trans que são torturados/brutalmente assassinados).

P44- A inferioridade que os homens colocam as mulheres, a falta de igualdade

Dentro das 65 participantes que participaram do estudo, 56,92% delas relataram que tiveram uma vivência pessoal com alguma manifestação violenta – sendo assim, 37 pessoas. Entretanto, a grande maioria das universitárias mencionou que tal experiencição foi com a Violência Psicológica – como apontada no Quadro 2 abaixo.

Quadro 2 – Vivência pessoal de violência

Vivência pessoal	Número de participantes	Porcentagem equivalente
Violência Psicológica	23 participantes	62,16%
Violência Sexual	4 participantes	10,81%
Violência Doméstica	3 participantes	8,1%
Violência Física	3 participantes	8,1%
Violência Conjugal	2 participantes	5,4%
Violência Social	2 participantes	5,4%

Fontes: elaborado pela autora.

Siqueira e Rocha (2019) pontuam que a necessidade em discorrer acerca da temática de Violência Psicológica vêm sendo cada vez mais importante dentro da Psicologia, isto pois se compreende que tal vivência pode ser o primeiro passo para outras manifestações violentas.

Entende-se que a desigualdade de gênero é uma das grandes motivações da Violência Psicológica. Embora as mulheres estejam mais independentes do que 40 anos atrás, ainda existe a normatização de algumas culturas que o gênero feminino deve ser mais frágil e dependente (SIQUEIRA; ROCHA, 2019). A partir da desigualdade de gênero, se defende o ideal de que o homem possui o direito de vivenciar sua vida sem quaisquer julgamento; enquanto a mulher, as suas únicas responsabilidades se voltam ao bem-estar da família. Zacan, Wassermann e Lima (2013) mencionam que:

[...] na relação conjugal, a desigualdade de gênero é mais presente... Ainda, a mulher é mais propensa às relações desiguais de poder, de tal modo que os aspectos característicos da masculinidade confirmam a relação de dominação sobre as mulheres (n.p).

Em relação ao (a) agente causador da manifestação violenta, dentre as 37 pessoas que informaram sobre tal vivência, 13 delas responderam que o agressor era o namorado. Sobretudo, levando em consideração que a Violência Psicológica foi a mais citada pelas vítimas, se correlacionou o grau de parentesco com o tipo de violência sofrida – como mostrada no Quadro 3 abaixo. A partir das 37 voluntárias que assentiram sob a vivência, 76,92% foram vítimas de Violência Psicológica.

Quadro 3 – Violência sofrida e agente causador

Participante	Violência sofrida	Parentesco
P5	Psicológica	Era meu namorado
P20	Psicológica	Era meu namorado
P22	Psicológica	Era meu namorado
P30	Psicológica	Era meu namorado
P34	Psicológica	Era meu namorado
P38	Psicológica	Era meu namorado
P44	Psicológica	Era meu namorado
P47	Psicológica	Era meu namorado
P53	Psicológica	Era meu namorado
P60	Psicológica	Era meu namorado
P26	Sexual	Era meu namorado
P42	Conjugal	Era meu namorado
P57	Física	Era meu namorado

Fonte: elaborado pela autora.

Ao perguntar as participantes sobre as motivações de um indivíduo permanecer em um relacionamento abusivo, uma maioria marjoritária trouxe o sentimento de “medo” seja ele de alguma consequência ou até da morte. Exemplifica-se as falas de P5 e P30.

P5- Por medo de ameaças, de serem mal vistas na sociedade e por pensar não ter capacidade de viver sozinha.

P30- Por medo, por ameaças psicológicas, por pressões psicológicas como os agressores as fazerem pensar que ninguém vai as amar tanto quanto eles, por fazerem elas acreditarem que dependem deles para viver, por INFELIZMENTE algumas vezes se tornarem dependentes de seus agressores economicamente, por filhos.

Soares (2005) evidencia que o medo é um grande empecilho para o término de um relacionamento abusivo, entretanto, há outras motivações que são desencadeadoras para a permanência na relação: desde o julgamento social até uma possível dependência emocional e/ou financeira. Dentro do questionário, várias participantes pontuaram estes mesmos conceitos que traz a literatura, como apresentado nas falas de P21 e P41.

P21 - É muito difícil emitir uma resposta, porém a **sociedade brasileira é machista e patriarcal**. Muitas mulheres são vítimas, pois tem **medo da denúncia**. Mas, não é culpa das mulheres ficarem presas a um relacionamento abusivo. **Uma das causas é a não perspectiva de punição ao abusador**.

P41 - Por **falta de estrutura psicológica** (pois se sentem não passíveis de amor - não sentem que são dignas ou merecedoras de serem amadas; não se sentem capaz de conquistar coisas grandiosas na vida) e **não ter independência financeira** (talvez esse o maior fator).

3.3 VIVÊNCIAS PESSOAIS E SUBJETIVAS SOBRE A VIOLÊNCIA

O terceiro eixo da pesquisa, se contemplou à manifestação de quaisquer violência contra a mulher dentro da instituição de ensino a qual estuda. Além disso, também se analisou as possíveis condutas cabíveis às universidades – desde oferecer uma maior segurança até mesmo a importância de debater sobre os eventos.

Para Leão (2016) a necessidade em estudar sobre a violência contra a mulher provém a partir dos dados da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-RM) obtidos em 2015: a cada sete minutos, uma pessoa foi vítima, chegando a totalizar 63.090 denúncias.

Partindo deste princípio, foi perguntado no questionário sobre manifestação de violência dentro do campus, e do número total das participantes, 40% delas – representando 26 acadêmicas – relataram que já ouviram falar; presenciaram; ou foram vítimas de violência dentro das universidades, tal como se apresenta no Quadro 4 abaixo.

Quadro 4 – Percepção de violência dentro da universidade

Vivência	Número de participantes	Porcentagem equivalente
Sim, tampouco, não fui vítima nem presenciei ao evento	20 participantes	76,92%
Sim, eu fui a vítima	4 participantes	15,38%
Sim, eu presenciei	2 participantes	7,69%

Fonte: elaborado pela autora.

A partir deste questionamento, as participantes foram direcionadas para contar sobre qual categoria a violência melhor se encaixa, visando o contexto universitário. Dentre as 26 pessoas, 11 respostas apontaram que a manifestação nas instituições de ensino são provindas de Violência Sexual, correspondendo assim a 42,3%. No quadro 5 a seguir, se trará quantitativamente os dados obtidos sobre os tipos de violência nos campus universitários.

Quadro 5 – Tipos de violência no contexto universitário

Violência sofrida	Quantidade	Porcentagem equivalente
Violência Sexual	11 pessoas	42,3%
Violência Psicológica	5 pessoas	19,23%
Violência Física	4 pessoas	15,38%
Violência Social	4 pessoas	15,38%
Violência Conjugal	1 pessoa	3,84%
Violência Doméstica	1 pessoa	3,84%

Fonte: elaborado pela autora.

Martins et al. (2021) traz a informação de que em grande parte das universidades brasileiras, há a livre circulação de pessoas que não tenham nenhuma vinculação com a instituição, e que no horário noturno há pouca segurança e iluminação para os acadêmicos. Apresenta-se a seguir, a fala pontuada no questionário por P36 e P43 diante da visão trazida pela autora.

P36 - Sei de relatos de meninas que por muitas vezes precisaram andar desacompanhadas na rua da faculdade e já foram perseguidas por homens.

P43- Homens na porta da faculdade tentando assediar meninas que entravam no portão ou estavam no bar da faculdade

Ambas as falas são de pessoas que não foram vítimas e nem presenciaram ao ato, correlacionando a falta de segurança no campus com a temática de violência sexual. Sobretudo, o trecho a seguir (P30), evidencia a preocupação com a pouca segurança a partir de uma vivência pessoal de manifestação de violência conjugal.

P30- Meu namorado matava aula dele para ficar me observando durante a minha aula por vários pontos estratégicos dos quais eu não o via e depois me perguntava quais assuntos conversava com as pessoas que conversei durante a aula, me proibia de conversar, de cumprimentar meus amigos, deixava o celular gravando perto de mim quando não estava por perto para saber se eu falava mal dele para as pessoas, gritava comigo na frente de todo mundo, se escondia para ouvir minhas conversas, me proibia de fazer trabalhos em dupla/grupo, entre outras situações.

Focando na segurança oferecida pelos campus, 43 participantes (66,15%) assinalaram que se sentem seguras na Instituição de Ensino, entretanto, as voluntárias que não se sentem confortáveis nas universidades trouxeram em pauta a pouca luminosidade e o acesso liberado à quem não é estudante – como apontada na fala de P33 e P45.

P33: Não tem segurança, câmera e nem luz em determinados lugares

P45: Por permitir a passagem de qualquer pessoa sem fiscalizar ID do aluno, acho impossível não exigirem isso. É o mínimo para a segurança das pessoas

Bellini (2018) ao estudar sobre a violência contra as mulheres no contexto universitário, analisou dados de uma pesquisa realizada por Rosa Valls em 2008 sobre a facilidade e dificuldade em reconhecer as violências existentes diante do contexto universitário e que sobretudo, em grande parte das vezes este reconhecimento é realizado devido à grupos de estudos os quais abordam tal temática.

Voltando-se ao questionário, 38 universitárias pontuaram que dentro do campus universitário há espaços para debater sobre o assunto, tais como palestras, rodas de conversa e projetos de extensão. Entretanto duas voluntárias que assinalaram “não” na pergunta, acreditam que não exista a necessidade em discorrer sobre o tema nos diversos espaços extracurriculares.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Definiu-se como objetivo central da pesquisa o entendimento de estudantes universitárias acerca da violência de gênero, entretanto para que fosse cumprido, seria a) necessário analisar a descrição trazida pelas acadêmicas; b) identificar os aspectos de possíveis vivências pessoais a partir de situações de violência; c) analisar os elementos característicos das concepções de violência apresentada pelas jovens; d) analisar comparativamente as concepções apresentadas, identificando influências de variáveis sociodemográficas, tais como: idade, curso e período de graduação, área de formação, condições sociodemográficas.

De certo modo, o objetivo principal da pesquisa foi alcançado, pois foi possível

analisar o entendimento que as estudantes tinham diante da violência, correlacionando com o tipos de violência existentes e às vivências obtidas. Entretanto, a maior dificuldade durante a tabulação dos resultados, foi em alterar a forma do método analítico de respostas, partindo assim para a análise de conteúdos, devido à grande quantidade de perguntas abertas.

Sob o ponto de vista da autora da pesquisa, escolher aprofundar a temática de violência de gênero, tendo como público-alvo acadêmicas que residam e estudassem no município de Bauru/SP foi um desafio, pois como a maior parte das respostas se voltou às universitárias matriculadas em instituições de ensino particulares, houve um grande número de pessoas que não puderam contribuir com a pesquisa por morarem em cidades vizinhas à Bauru.

Entende-se de forma mais clara que as representações sociais diante da violência de gênero exerce um papel de extrema importância para o contexto social, de forma geral. Segundo Leal, Lopes e Gaspar (2011) é a partir deste debate sobre a violência de gênero e seus malefícios, que as pessoas tendem a se empatizar com as mulheres que estão sob vulnerabilidade provinda da violência, mas principalmente, saber reconhecer se estão em um contexto violento.

Desta maneira, se tratando da necessidade de espaços sociais acerca da temática, se chega à conclusão de que a representatividade social traz consigo uma importante significação. Assim “quanto à questão de violência contra a mulher é um problema de Saúde Pública ou um caso de polícia, a representação da violência contra a mulher está voltada ao papel da educação, da família e da sociedade, no âmbito da ajuda e das leis” (LEAL; LOPES; GASPAR, 2011, p. 422).

Por fim, devido ao tema e o público-alvo estudado serem de grande relevância social, indica-se a necessidade de estudos atualizados nesta área, sobretudo sobre a violência psicológica – a qual vêm ganhando espaço nos últimos anos. A partir de novas pesquisas, se acredita na possibilidade de novas reflexões a partir do espaço oferecido dentro do contexto universitário.

REFERÊNCIAS

ALDRIGHI, Tânia. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. **Psicologia: Teoria & Prática.**, v. 6, n. 1, p. 105-120, 2004.

AUDI, Celene Aparecida Ferrari *et al.* Percepção de violência doméstica por mulheres gestantes e não gestantes da cidade de Campinas, São Paulo. **Ciência & Saúde Coletiva.**, v. 14, n. 2, abr. 2009.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, ago/2014.

BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. PATRIARCALISMO E O FEMINISMO: uma retrospectiva histórica. **Revista Ártemis.**, João Pessoa, v. 1, Dez. 2004. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/1a5f845f8ec70e6f8f0bef97910500e0/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>>. Acesso em 09. Nov. 2020.

BELLINI, Daniela Mara Gouvêa. Violência contra mulheres nas Universidades: contribuições da produção científica para a sua superação. **Dissertação para obtenção do grau de mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos.**, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/9942/BELLINI_Daniela_2018.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em 09. Set. 2022.

BITTAR, Paula. Lei do feminicídio faz cinco anos. **Câmara dos Deputados.** Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/643729-lei-do-feminicidio-faz-cinco-anos/>>. Acesso em: 24. Jan. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei no 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Brasília, 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm>. Acesso em: 12 mar. 2021.

BRILHANTE, Aline Veras Moraes *et al.* Um estudo bibliométrico sobre a violência de gênero. **Saúde e Sociedade.**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 703-715, set/2016.

CARGNIN, Júlia Souza Santos *et al.* Violência sexual em mulheres na Amazônia Ocidental. **Revista de Saúde Pública.**, v. 55, n. 92, 2021.

CARVALHO-BARRETO, André de *et al.* Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. **Psicologia: Reflexão e Crítica.**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 86-92, 2009.

CHACHAM, Alessandra Sampaio; JAYME, Juliana Gonzaga. Violência de gênero, desigualdade social e sexualidade. **Civitas.**, v. 16, n. 1, jan-mar 2016.

COZBY, Paul. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Magda Lopes. – 3 ed. – Porto Alegre: ARTMED, 296 páginas, 2010.

DATAVIVA. Bauru-SP. Educação. **DataViva**, 2021. Disponível: <<http://dataviva.info/pt/location/4sp030105/education>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

DIOTTO, Nariel; SOUTO, Raquel Buzatti. DESIGUALDADE DE GÊNERO E MISOGINIA: A VIOLÊNCIA INVISÍVEL. **10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito**. 2018. Disponível em: <http://metodistacentenario.com.br/jornada-de-direito/anais/10a-jornada-de-pesquisa-e-9a-jornada-de-extensao-do-curso-de-direito/artigos/5-ciencias-criminais-processo-penal-e-direitos-humanos-perspectivas-dialogos-e-embates/desigualdade-de-genero-e-mosoginia_a-violencia-inisivel.pdf>. Acesso em 19. Jan. 2021.

FERNANDES, Juliana *et al.* Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. **Clínica e Cultura.**, v. IV, n. I, jan-jun 2015, 14-28.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Edição 04, São Paulo, 2002.

GOMES, Holga Cristina da Rocha; COSTA, Nazaré. Violência contra a mulher: uma pesquisa empírica sobre regras descritivas comuns na sociedade ocidental. **Acta comportamental.**, Guadalajara, v. 22, n. 1, p. 89-100, 2014.

GOMES, Ingrid Raphaelle Rolim. A intenção feminina de permanecer em um relacionamento abusivo. **Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia – Universidade Federal do Alagoas.**, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/3223/1/A%20inten%C3%A7%C3%A3o%20feminina%20de%20permanecer%20em%20um%20relacionamento%20abusivo.pdf>>. Acesso em 29. Mar. 2020.

GONSALVES, Emmanuela Neves; GONCALVES, Hebe Signorini. A Psicologia junto aos Centros Especializados de Atendimento à Mulher. **Psicologia USP.**, São Paulo, v. 30, e180192, 2019.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Dicionário Aurélio. **Editora Positivo.**, Edição 04, Jan. 2009.

LEÃO, Izabel. Por que discutir a violência contra a mulher é importante? **Jornal da USP**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/universidade/por-que-discutir-a-violencia-contra-a-mulher-e-importante/>>. Acesso em 06. Set. 2022.

LEAL, Sandra Maria Cezar; LOPES, Maria Julia Marques; GASPAR, Maria Filomena Mendes. Representações sociais da violência contra a mulher na perspectiva da enfermagem. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação.**, Botucatu, v. 15, n. 37, p. 409-424, jun/2011.

MALTA, Renata Barreto *et al.* Crise dentro da crise: a pandemia da violência de gênero.

Sociedade e Estado., v. 36, n. 3, p. 843-866, set/dez 2021.

MARQUES, Melissa Alfafar. Violência no Namoro em Estudantes Universitários Portugueses. **Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Medicina – Universidade da Beira Interior.**, 2016. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/5311/1/4918_9757.pdf>. Acesso em 23. Jan. 2020.

MARTINS, Rogéria *et al.* Violência sexual contra mulheres estudantes no ambiente universitário: O caso de uma universidade brasileira. **Revista da Associação Portuguesa de Sociologia.**, n. 27, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade.**, v.18, Editora Petrópolis, 2001. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf>. Acesso em 20. Jan. 2020.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias.**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

NUNES, Mykaella Cristina Antunes; LIMA, Rebeca Fernandes Ferreira; MORAIS, Normandia Araujo. Violência Sexual contra mulheres: um Estudo Comparativo entre Vítimas Adolescentes e Adultas. **Psicologia: Ciência & Profissão.**, v. 37, n. 04, p. 956-969, Out/Dez 2017.

OLIVEIRA, Adriana Leonidas; CHAMON, Edna Maria Oliveira Querido; MAURICIO, Aline Gomes Cazarim. Representação social da violência: estudo exploratório com estudantes de uma universidade do interior do estado de São Paulo. **EDUCAR.**, Curitiba, n. 36, p. 261-264, 2010.

OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes de; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Amor e violência em jogo: descortinando as relações afetivo-sexuais entre jovens à luz de gênero. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação.**, Botucatu, v. 23, e180354, 2019.

RANGEL, Carlos Eduardo de Araújo; WENCZENOVICZ, Thaís Janaína. Gênero e Violência: Interfases com as Políticas Públicas nos Estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. **Barderói.**, Santa Cruz do Sul, n. 47, p. 144-161, jan/jun 2016.

SILVA, Carlos Felipe Lemes e; TILIO, Rafael De. Alterações autobiográficas em mulheres vitimadas atendidas pela rede de acolhimento. **Revista Subjetividades.**, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 475-485, dez. 2014.

SIQUEIRA, Camila Alves; ROCHA, Ellen Sue Soares. Violência psicológica contra a mulher: uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. **Revista Arquivos Científicos (IMMES).**, Macapá, v. 2, n. 1, p. 12-23, 2019.

SOARES, Bárbara. **Enfrentando a Violência contra a MULHER.** Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

VIANA, Diego Mendonça. Atendimento psicológico online no contexto da pandemia de

Covid-19. **Cadernos ESP-Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará.**, v. 14, n. 1, -. 74-79, 2020.

ZACAN, Natália; WASSERMANN, Virginia; LIMA, Gabriela Quadros de. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. **Pensando Famílias.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 63-76, jul/2013.

ZAMPIERI, Maria Cristina. O comportamento sexual do universitário brasileiro: estudo analítico-descritivo acerca de suas concepções, valores e atitudes sobre a sexualidade. 2008. 272 f. **Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.**, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/101537>>. Acesso em 21. Jan. 2021.

APÊNDICE A – Questionário

Conforme informado na página anterior, este questionário faz parte da pesquisa intitulada “DESCRIBÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO ENTRE UNIVERSITÁRIAS DE BAURU/SP”, desenvolvido por Isabella Schneider, estudante do Curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Antonio Lourencetti (CRP 06/145696), docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Sagrado Coração. Esta pesquisa visa compreender as diferentes concepções de violência entre estudantes universitárias de Bauru/SP.

Para isso, a seguir, serão apresentadas 36 questões, divididas em três partes. O tempo de resposta do questionário é estimado entre 30 e 50 minutos. Ao responder aos itens, procure refletir sobre a suas vivências pessoais e suas experiências no contexto universitário, e assinale os itens que mais se aproximam de suas percepções pessoais. Pedimos que tente responder a todas as questões, não deixando itens sem resposta. Fique tranquila, pois não há respostas certas ou erradas, nosso objetivo é justamente compreender a sua percepção sobre os diferentes assuntos tratados no questionário.

Ao final do questionário são apresentados os meios de contato com os pesquisadores responsáveis. Após responder ao questionário, sinta-se à vontade para entrar em contato se julgar necessário.

PRIMEIRA PARTE - Informações e variáveis sociodemográficas

- 1) **Qual a sua idade?** ____ anos
- 2) **Atualmente, você está em um relacionamento com alguém?**
 Sim | Não
- 3) **Caso tenha respondido “sim” na questão anterior, há quanto tempo você está nesse relacionamento**
 Menos de 6 meses
 De 6 meses a 1 ano
 De 1 a 5 anos
 Mais de 5 anos
- 4) **Você tem filhos?**
 Sim. Quantos? _____ | Não
- 5) **Qual alternativa identifica sua orientação sexual?**
 Heterossexual
 Homossexual
 Bissexual
 Outro _____
- 6) **Qual alternativa identifica sua cor/raça?**
 Branca
 Preta
 Parda
 Amarela
 Indígena
- 7) **Qual seu curso de graduação?** _____
- 8) **Em qual período/semestre da graduação você está?**
 1° 2° 3° 4° 5° 6° 7° 8° 9° 10° 11° 12°
- 9) **Você estuda em uma universidade:**
 Pública Privada
- 10) **Esta é a sua**
 Primeira graduação | Segunda graduação | Outra? (especificar qual _____)

11) Atualmente você reside com:

- Familiares (pais, avós, tios, primos)
- Amigos ou colegas de trabalho/faculdade (“República”)
- Sozinha
- Cônjuge, namorado(a), parceiro(a)
- Outra? (especificar qual _____)

12) Qual o número de pessoas que moram na residência (incluindo você): _____ pessoas

13) Você trabalha ou exerce algum tipo de atividade remunerada atualmente?

- Não
- Sim. Qual trabalho/ocupação? _____

14) Qual o valor mensal aproximado de sua renda econômica?

- Não tenho renda no momento
- Inferior à um salário-mínimo - R\$ 1.101,95
- Entre um a dois salários-mínimos - R\$ 1.101,95 à R\$ 2.203,90
- Entre dois a três salários-mínimos - R\$ 2.203,90 à R\$ 3.305,85
- Entre três a quatro salários-mínimos - R\$ 3.305,85 à R\$ 4.407,80
- Entre quatro a cinco salários-mínimos - R\$ 4.407,80 à R\$ 5.509,75
- Superior a cinco salários-mínimos - R\$ 5.509,75

SEGUNDA PARTE - concepção de violência e tipos de violência

15) O que é violência para você? Exemplifique

16) Em sua opinião, à violência há vítimas principais?

- Sim Não
- Por quê? _____

17) Já ouviu falar sobre quais violências existem? Se sim, quais?

18) Para você, o que o termo “violência de gênero” significa?

19) Na sua opinião, há alguma faixa etária que mais possui tendência em ser vítima de violência? Se sim, especifique.

20) Ao seu ver, por que a violência acontece? (É possível assinalar mais de uma opção)

- Por consequência de gênero biológico - homem/mulher
- A partir de seu crescimento e, as pessoas não saberem como lidar com esta situação
- Devido à desinformação
- Por causa de sua realidade econômica
- Outras motivações

21) Conhece o trabalho de órgãos municipais, estaduais ou federais que fazem atendimento com mulheres vítimas de violência?

- Sim, o _____
- Não

22) Em sua opinião, por que algumas mulheres permanecem em um relacionamento abusivo?

TERCEIRA PARTE - vivências pessoais e subjetivas sobre violência

23) Já foi vítima de violência em seu ambiente familiar, círculo de amizade, profissional, amoroso ou educacional?

- Sim | Não

24) Caso tenha respondido “sim” na alternativa acima, qual violência descreveria

melhor à sua vivência?

- Violência Conjugal
- Violência Doméstica
- Violência Física
- Violência Psicológica
- Violência Sexual
- Violência Social

25) Entre você e o (a) abusador (a), tinha-se proximidade?

- Sim, era meu namorado
- Sim, era minha namorada
- Sim, era meu marido
- Sim, era minha esposa
- Sim, era meu pai
- Sim, era minha mãe
- Sim, era meu padrasto
- Sim, era minha madrasta
- Sim, era um familiar
- Sim, era meu chefe
- Sim, era minha chefe
- Sim, era meu amigo
- Sim, era minha amiga
- Sim, era meu professor
- Sim, era minha professora
- Sim, mas não me sinto à vontade para falar sobre meu parentesco ou relacionamento com o(a) abusador(a)
- Não há proximidade

26) Já aconteceu alguma manifestação de violência contra mulheres dentro de sua Instituição de Ensino?

- Sim, eu presenciei
- Sim, eu fui a vítima
- Sim, tampouco, não fui vítima nem presenciei ao evento
- Não

27) Caso tenha respondido “sim” na questão anterior, em qual violência o ocorrido se encaixa melhor?

- Violência Conjugal
- Violência Doméstica
- Violência Física
- Violência Psicológica
- Violência Sexual
- Violência Social

28) Caso tenha respondido “sim” na questão 19, como você descreveria a situação de violência presenciada?

29) Na sua opinião, o que pode ser feito para coibir a violência contra as estudantes mulheres em sua Instituição de Ensino?

30) Sente-se segura em sua Instituição de Ensino?

- Sim | Não

31) Caso tenha respondido “não” na questão anterior, por qual motivo acredita não se sentir segura em seu campus?

32) Em sua opinião, em questões de segurança dentro de seu campus, existe medidas que a reitoria de sua Instituição de Ensino possa melhorar, a fim de prevenções destes eventos em seu local de estudo?

Sim | Não

33) Em algum momento em sua graduação, já foi pontuado por algum professor e/ou coordenador sobre os riscos psíquicos, sociais e até mesmo, manifestações físicas que a violência de gênero pode acarretar em uma mulher?

Sim | Não

34) Caso tenha respondido “não” na questão anterior, você acredita ser importante tal menção em algum momento da graduação?

Sim, pois _____

Não, pois _____

**35) Dentro de sua Instituição de Ensino, há espaços para debater sobre o assunto?
Exemplos: grupos de estudos, palestras e/ou projetos de extensão.**

Sim | Não

36) Caso sua resposta tenha sido “não” na questão anterior, você acredita ser um tema importante a ser pautado nos diversos espaços extracurriculares de sua graduação?

Sim, pois _____

Não, pois _____

Nesse questionário foram tratados alguns temas que podem, eventualmente, ter gerado algum desconforto ou sofrimento. Caso você tenha se sentido desconfortável ou tenha sentido algum outro incômodo e julgue que é necessário passar por acolhimento psicológico relacionado a esses temas, disponibilizamos, a seguir, o contato dos pesquisadores respostáveis e da Clínica de Psicologia Aplicada do Centro Universitário Sagrado Coração, espaço que oferece serviços de Plantão Psicológico.

Contato dos pesquisadores responsáveis:

Nome: Luiz Antonio Lourencetti

E-mail: luiz.lourencetti@unisagrado.edu.br

Telefone:

Nome: Isabella Schneider

E-mail: isabella.schneider@outlook.com.br

Telefone:

Clínica de Psicologia Aplicada do Centro Universitário Sagrado Coração

E-mail: atendimento.psico@unisagrado.edu.br

Telefone: (14) 2107-7049 / 7050

APÊNDICE B - TCLE – (PRIMEIRA PÁGINA DO QUESTIONÁRIO)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada Senhora,

Gostaríamos de convidá-la como voluntária a participar da pesquisa “DESCRIBÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO ENTRE UNIVERSITÁRIAS DE BAURU/SP”, desenvolvida por Isabella Schneider, estudante do Curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Antonio Lourencetti (CRP 06/145696), docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Sagrado Coração.

Nesta pesquisa pretendemos **identificar e analisar as concepções sobre a violência de gênero entre jovens universitárias, com idades entre 18 e 27 anos, da cidade de Bauru/SP**. A finalidade deste trabalho é **contribuir para compreensão das concepções da população universitária de Bauru** e subsidiar eventuais intervenções que possam **auxiliar na minimização das condições de violências**.

A participação nesta pesquisa envolve o preenchimento de um questionário online, dividido em três partes, totalizando 36 questões, com tempo total de preenchimento estimado entre 30 e 50 minutos. Os **riscos** envolvidos na pesquisa estão relacionados a potencial desconforto, constrangimento e cansaço em responder ao questionário. Em virtude de o questionário ser centrado na temática da violência e explorar vivências relacionadas a tal, é possível que alguma pergunta possa trazer algum conteúdo que gere desconforto ou sofrimento emocional. Caso isso ocorra, sinta-se à vontade para contatar os pesquisadores para que seja feito encaminhamento para acompanhamento na Clínica de Psicologia do Centro Universitário Sagrado Coração (CPAF-UNISAGRADO), local que oferece serviço de Plantão Psicológico e Psicoterapia, de modo gratuito à comunidade de Bauru e região.

Para participar deste estudo não haverá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Será fornecido esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto e momento que desejar, e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade.

Os pesquisadores se comprometem em resguardar o sigilo da pesquisa, sendo assim seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Dentre os potenciais **benefícios** da participação no estudo, está a possibilidade de desenvolvimento do autoconhecimento, de modo que tenha espaço para observar, refletir e discriminar sobre suas vivências. Adicionalmente, estão presentes benefícios potenciais relacionados aos resultados da pesquisa, que poderão auxiliar no mapeamento das concepções da população universitária de Bauru e, eventualmente, contribuir para o desenvolvimento de ações e estratégias que auxiliem na minimização das condições de violências, bem como de seus efeitos e subprodutos.

Fique certa de que os pesquisadores estarão sempre à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa e, para tal, no final deste documento se encontram seus nomes e forma de contato.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:
CEP UNISAGRADO – Comitê de Ética em Pesquisa do UNISAGRADO
Centro Universitário Sagrado Coração

Rua Irmã Armanda 10-60, Bauru - SP

Fone: (14) 2107-7340 / horário de funcionamento: 2a a 6a. feira das 8:00 às 17:00

E-mail: cep@unisagrado.edu.br

Contato dos pesquisadores

Contato dos pesquisadores

Nome: Luiz Antonio Lourencetti

E-mail: luiz.lourencetti@unisagrado.edu.br

Telefone:

Nome: Isabella Schneider

E-mail: isabella.schneider@outlook.com.br

Telefone:

Se estiver ciente e concordar com a participação na pesquisa, pedimos que selecione a opção “Declaro que concordo e estou ciente das condições de participação na pesquisa”.

“Declaro que concordo e estou ciente das condições de participação na pesquisa”.

APÊNDICE C – CARTA DE AQUIESCÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DO INÍCIO DA PESQUISA

Prezado (a) Diretor (a) Acadêmico (a)
Instituição de Ensino,

Encaminhamos para sua apreciação o pedido de autorização para o desenvolvimento da pesquisa **DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO ENTRE UNIVERSITÁRIA DE BAURU/SP** nas dependências da instituição de ensino (colocar nome), localizada no município de Bauru/SP. A pesquisa será desenvolvida por **ISABELLA SCHNEIDER**, graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Sagrado Coração/UNISAGRADO, sob supervisão e orientação do **PROF. DR. LUIZ ANTONIO LOURENCETTI (CRP 06/145696)**, docente do curso de psicologia do UNISAGRADO.

A pesquisa será conduzida com os estudantes dos diferentes cursos de graduação da instituição e tem como objetivo geral **identificar e analisar** as concepções sobre a violência de gênero entre jovens universitárias, com idades entre 18 e 27 anos, da cidade de Bauru/SP. Para dar conta desse objetivo, será encaminhado um **questionário online às alunas da instituição**, contendo itens que objetivem caracterizar suas experiências e vivências relacionadas à violência. Para tanto, gostaríamos de solicitar o apoio da instituição no contato junto às alunas, encaminhando via e-mail uma carta convite para participação na pesquisa. **A finalidade deste trabalho é contribuir para compreensão das concepções da população universitária de Bauru e subsidiar eventuais intervenções que possam auxiliar na minimização das condições de violências.**

Destacamos que o **projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do UNISAGRADO (CEP/UNISAGRADO)**, atendendo às normativas estabelecidas na Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016, tendo obtido **parecer favorável (Processo CAAE nº 44616921.4.0000.5502)**, conforme consta em documento anexo a esta carta e também no projeto complemento de pesquisa.

Adicionamento, **destacamos que a pesquisa será conduzida sob nossa responsabilidade integral, isentando a Instituição de Ensino de quaisquer**

responsabilidades referentes e decorrentes da pesquisa. Conforme consta no projeto de pesquisa (**vide seção 3.7 CUIDADOS E ASPECTOS ÉTICOS**), além do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)** que será apresentado aos participantes, os pesquisadores assumem a responsabilidade sob os riscos da pesquisa, dando os devidos encaminhamentos, caso necessário.

Contando com a autorização da direção pedagógica, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento adicional.

Atenciosamente,

Bauru/SP, 15 de outubro de 2021.

Isabella Schneider
Pesquisador Responsável
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof. Dr. Luiz Antonio Lourencetti (CRP 06/145696)
Professor orientador
Centro Universitário Sagrado Coração

ANEXO A – PARECER CEP/UNISAGRADO COM PLATAFORMA BRASIL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO ENTRE UNIVERSITÁRIAS DE BAURU/SP

Pesquisador: Luiz Antonio Lourencetti

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 44616921.4.0000.5502

Instituição Proponente: Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.623.928

Apresentação do Projeto:

Projeto de IC da área de Psicologia a ser realizado por meio de uma pesquisa com abordagem quali-quantitativa, com a participação de 150 universitárias matriculadas em cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior do município de Bauru/SP. Trata-se de uma pesquisa online, com um questionário composto por 36 questões. O consentimento de participação será coletado de forma digital, assim como a coleta de dados, via Google Forms.

Objetivo da Pesquisa:

"Identificar e analisar as concepções sobre a violência de gênero entre jovens universitárias, com idades entre 17 e 27 anos, da cidade de Bauru/SP.

Identificar e descrever as concepções sobre violência de gênero apresentadas pelas estudantes universitárias;

Identificar aspectos relativos às vivências pessoais de situações de violência;

Analisar os elementos característicos das concepções de violência apresentadas pelas jovens;

Analisar comparativamente as concepções apresentadas pelas universitárias, identificando influências de variáveis sociodemográficas, tais como: idade, curso e período de graduação, área de formação, condições socioeconômicas".

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Bairro: Rua Irmã Arminda Nº 10-50

CEP: 17.011-160

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)2107-7280

E-mail: cep@unisagrado.edu.br



Continuação do Parecer: 4.623.928

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos relacionados a potencial desconforto, constrangimento e cansaço em responder ao questionário. Adicionalmente, em virtude de o questionário ser centrado na temática da violência e explorar vivências relacionadas a tal, é possível mensurar o risco de que alguma(s) das perguntas do questionário possa trazer algum conteúdo que gere desconforto ou sofrimento emocional para a participante.

"Benefícios potenciais relacionados aos resultados da pesquisa, que poderão auxiliar no mapeamento das concepções da população universitária de Bauru e, eventualmente, contribuir para o desenvolvimento de ações e estratégias que auxiliem na minimização das condições de violências, bem como de seus efeitos e subprodutos".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Proposta de pesquisa relevante para identificar possíveis atitudes de violência de gênero vivenciadas por alunas de diversos cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior da cidade de Bauru. Conhecer esta realidade e trazê-la à tona é crucial para a elaboração de estratégias de combate a tais práticas, bem como de apoio àquelas atingidas por tais ações.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos estão de acordo com as indicações do CEP.

Recomendações:

Nada a declarar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nada a declarar.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1717133.pdf	30/03/2021 21:51:09		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	20210312_Projeto_IC_Isabella_Schneider_Versao_encaminhada_ao_CEP.pdf	16/03/2021 14:55:53	Luiz Antonio Lourencetti	Aceito

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Bairro: Rua Irmã Arminda Nº 10-50 **CEP:** 17.011-160

UF: SP **Município:** BAURU

Telefone: (14)2107-7260

E-mail: cep@unisagrado.edu.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SAGRADO CORAÇÃO -
UNISAGRADO



Continuação do Parecer: 4.623.928

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Isabella_Schneider.pdf	16/03/2021 14:55:35	Luiz Antonio Lourencetti	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_IsabellaSchneider_ASSINADA.pdf	16/03/2021 14:55:16	Luiz Antonio Lourencetti	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 31 de Março de 2021

Assinado por:
Bruno Martinelli
(Coordenador(a))

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Bairro: Rua Irmã Arminda Nº 10-50 **CEP:** 17.011-160
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)2107-7260 **E-mail:** cep@unisagrado.edu.br